

A reacção do bom senso domina desinteligencias passageiras e o trabalho fecundo de harmonia vai construindo em Sergipe uma tenda de ideal para quantos, nas letras, encontram uma preocupação superior, mais digna e mais nobre do que as divisões rasteiras do egocismo dissolvente.

A Academia Sergipana não alimenta disputa de paixões pessoais, nem edifica a Babel entrevista na imaginação do jornalista censor.

Daremos conta, amanhã, deste nosso asserto.

II

Falar em escrever pela «*Forma antiga*» «*forma classica*», «*ortografia aprendida nas escolas e nos livros dos grandes classicos da lingua*», é patentear o mais classico alheiamiento do assunto.

Repelem se as expressões nestes conceitos ; falsissimos os conceitos destas expressões !

Quem quer que deletreie os classicos sabe a bom saber que não existe forma classica de ortografia, que nunca houve entre eles uniformidade, sistema, bitola comum, padrão official, modelo aceito, ou seguido.

No mesmo escritor, por mais sumo, variam os modos de grafar a mesma palavra.

Por vezes na mesma pagina se topa com flagrantes dissonancias.

Quem intentasse escrever hoje pela *forma antiga*, se em verdade tal intento lograsse, certo passaria por doido : — ninguem o entenderia !

Cite-se, ao acaso, um só *dos grandes classicos da lingua* e logo se verifica que ele discorda dos outros classicos, e nem a sua escrita é igual á dos que o antecederam, ou sucederam.

Destarte, só os que não conhecem os classicos é que falam de *ortografia classica*, só os que não

lêem os mestres da lingua é que dizem que se deve escrever pela *forma antiga*.

Qual a *forma classica*? qual a *forma antiga*?

Duvidamos que nos respondam os censores, aqueles que se temem de reformas, onde haverá, apenas, metodo, ordem, disciplina, intelligencia.

Demonstremo-lo.

Venha á frente o nosso maior vernaculista, o classico impar das nossas letras.

E' RUY quem vai ministrar a lição :

«Em materia de orthographia eram de uma negligencia insigne os *classicos antigos*. ALEXANDRE HERCULANO, transcrevendo para a estampa, de um códice onde os encontrara sepultados, os *Annaes de D. João III*, obra de FR. LUIZ DE SOUZA, por aquelle contemporaneo havido como «o principal entre os nossos escriptores classicos», intentara a principio «seguir escrupulosamente a orthographia do original». Mas, é elle mesmo quem depõe, «desenganâmo-nos brevemente de que era necessario modificar um pouco a nossa opinião. Por via de regra os antigos escriptores não curavam de aprimorar nesta parte os seus livros: FR. LUIZ DE SOUZA não se esquivou á descuidosidade commum. *Reina no manuscripto dos Annaes uma grande confusão orthographica: a mesma palavra apparece escripta de dois e tres modos diversos na mesma pagina*»,

Com o depoimento destes tres cimos da sabedoria vernacula devia-se ter por finda a demonstração, convincente e irrespondivel.

Se RUY, HERCULANO e FR. LUIZ evidenciam a balburdia ortografica dos escritores anti-

gos, se em FR. LUIZ DE SOUZA «a mesma palavra apparece escripta de dois e tres modos diversos na mesma pagina», como é que se vem recomendar, com entonos de sabença, a forma classica, a forma antiga?

Busquemos outro depoimento insigne, ainda pela mão de RUY: — «É incrível», dizia o padre JOAQUIM DE FOYOS, grande hellenista, «o descuido e negligencia com que se acham impressos, pelo que toca a orthographia, os livros antigos dos nossos classicos, apesar da veneração, ou antes superstição, com que alguns estimam estas primeiras impressões.

Nem esta pouca exacção nascia só dos mesmos autores, genios profundos, que, occupados todos em crear pensamentos novos, e dar-lhes a belleza de que era capaz a lingua em que fallavam, deixavam o outro cuidado como pouco merecedor de se empregarem nelle os seus grandes talentos.»

Bem se vê, pelo exposto, que os *livros antigos dos nossos classicos*, apesar da veneração e, até mais, superstição, como diz o helenista eximio, com que os seus autores velavam pela sua feitura, era e são desprezíveis como ortografia.

Com que, então, recomendá-los por modelos ortograficos?

Onde a razão, a logica, o senso, determinando essa predileção?

Certamente o não apontará o articulista do *Sergipe*, nem os que falam desses assuntos de ouvida, com uma leve tintura da materia em que pretendem jurisdizer.

Terminemos por hoje o nosso ajuste de con-

tas com outro depoimento de notavel relevancia. E' de JOSE' FELICIANO DE CASTILHO :

«Fosse essa, ou outra, a causal do *desamparo em que os antigos deixaram a orthographia*, reconhecamos o facto que OS CLASSICOS NÃO TINHAM SYSTEMA ORTOGRAPHICO. E que esses admiraveis mestres do dizer SERIAM DO ESCREVER DESGRAÇADÍSSIMOS GUIAS.»

E', pois, a esses desgraçadissimos guias, que não tinham sistema ortografico, que se manda que recorramos para modelo do escrever?

Ortografia de classicos, qual? Ortografia antiga, onde?

Ora, bem dissera JORGE FERREIRA : — «A lingua portugueza ha muitos que a tratem.

Porque ha muito poucos que a entendam.»

Tratemo-la ainda, amanhã, para que melhor a entendamos,

III

«Não ha opinião de classicos, nem uso, nem systema pratico, por onde a *orthographia* se possa regular», são palavras de CASTILHO JOSE', que respondem aos idolatras de uma presumida *orthographia classica...*

E' presiso ser de todo jejuno na materia, para se recorrer das leis de transmutação grafica para o oraculo dos escritores antigos, no que tange á forma de escrever.

Quando ele, com autoridade que lhe não pode ser contestada, afirmava que «*não é admissivel argumentar com a escripta dos classicos, contradictoria e irracional*», tinha por certo que tantos anos depois ja se não duvidasse da exação de ensina-

mento tão repetido entre os que manuseiam livros brasileiros e portugueses.

Hoje é MARIO BARRETO, mestre querido e acatadissimo, quem diz que «o que existe é uma cacografia alabirintada, uma escrita incerta, contraditoria, arbitraria, caótica», e, por isso mesmo, advogando o advento de uma reforma capaz de pôr, no minimo, relativa uniformidade entre os que escrevem a sua lingua, com censo, medida e gosto.

Para só se ter a impressão do absurdo de escrever pela *forma antiga*, como impensadamente se fez paladino o amavel *Sergipe*, basta transcrever uma lista de vocabulos á *antiga*, segundo o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança* de el-rei D. Duarte :

<i>Tiba</i>	—	Tibia	<i>Perpuz</i>	—	Propuz
<i>Ysame</i>	—	Exame	<i>Praneta</i>	—	Planeta
<i>Celorgião</i>	—	Cirurgião	<i>Omecidio</i>	—	Homicidio
<i>Scoldrinkar</i>	—	Esquadrinhar	<i>Odiencia</i>	—	Audiencia
<i>Somana</i>	—	Semana	<i>Strollogos</i>	—	Astrólogos
<i>Hida</i>	—	Ida	<i>Estronomia</i>	—	Astronomia
<i>Hira</i>	—	Ira	<i>Gatom</i>	—	Cartão
<i>Hidade</i>	—	Idade	<i>Abrangelho</i>	—	Evangelho
<i>Husar</i>	—	Usar	<i>Pusalamidade</i>	—	Pusilanimidade
<i>Deferença</i>	—	Diferença	<i>Hodio</i>	—	Odio
<i>Nembrar</i>	—	Lembrar	<i>Hunido</i>	—	Unido
<i>Nembrança</i>	—	Lembrança	<i>Samos</i>	—	Somos
<i>Consiirar</i>	—	Considerar	<i>Specia</i>	—	Especie
<i>Consiiraçon</i>	—	Consideração	<i>Porvesa</i>	—	Pobreza
<i>Contrairo</i>	—	Contrario	<i>Proves</i>	—	Pobres
<i>Ataa</i>	—	Até	<i>Fremosura</i>	—	Formosura
<i>Sobervoso</i>	—	Soberboso	<i>Fremoso</i>	—	Formoso
<i>Soberva</i>	—	Soberba	<i>Pervista</i>	—	Prevista
<i>Fectas</i>	—	Feitas	<i>Prelongar</i>	—	Prolongar
<i>Compre</i>	—	Cumpre	<i>Estoria</i>	—	Historia
<i>Fortelleza</i>	—	Fortaleza	<i>Vehuva</i>	—	Viúva
<i>Esto</i>	—	Isto	<i>Formento</i>	—	Fermento
<i>Aquello</i>	—	Aquilo	<i>Estromento</i>	—	Instrumento
<i>Boos</i>	—	Bons	<i>Estucia</i>	—	Astucia
<i>Entençons</i>	—	Intenções	<i>Pior</i>	—	Peior
<i>Soo</i>	—	Só	<i>Infruencia</i>	—	Influencia

<i>Enframado</i>	—	Inflamado	<i>Aprycar</i>	—	Aplicar
<i>Syntem</i>	—	Sentem	<i>Preto</i>	—	Perto
<i>Prouxemos</i>	—	Proximos	<i>Entrepetar</i>	—	Interpretar
<i>Arrevatado</i>	—	Arrebatado	<i>Emprasto</i>	—	Emplastro
<i>Descliçan, descliçon</i>		Discriação	<i>Madurgar</i>	—	Madrugar
<i>Suydade</i>	—	Saudade	<i>Entito</i>	—	Instinto
<i>Celumes</i>	—	Ciumes	<i>Angio</i>	—	Anjo
<i>Endusir</i>	—	Induzir	<i>Punar</i>	—	Pugnar
<i>Persoa</i>	—	Pessoa		—	

Tanto tempo faz que RUY BARBOSA, na sua formidável *Replica*, lançou em circulação a evidencia deste cotejo, que já não era licito o desconhecessem os que vivem de letras, ou em letras trabalham.

Como, pois, escrever nos nossos dias pela *forma classica*, pela *forma antiga*?

Dir-se-á que temos na pagina transcrita uma antiguidade muito remota, um classicismo longinquo?

É ainda o insigne RUY quem nos vai responder:

«Mas desse mesmo seculo é ANTONIO FERREIRA, que escrevia *dereito*, por direito; *sogigar*, por subjugar; *piadade* e *piadoso*, por piedade e piedoso; *ouve* por houve; *moura* por morra; *reposta* em vez de resposta; *reto* em lugar de repto. (obr) MANUEL BERNARDES é ainda menos velho: já se inscreve no seculo XVII. Entretanto, orthographava *trocida* por torcida, *postrar* por prestar, *preferir* por preferir, *anciaons* por anciãos.»

E se fôramos alargar o estendal, não haveria mãos a medir na colheita.

Logo, mandar que se escreva pela *forma antiga*, pela *forma classica*, é não só não dar uma idéa do que sejam essas formas, como desconhecer completamente a cacographia em que se exprimiam os classicos, alheios que sempre foram a uma forma, a um modelo, a um sistema, a uma ordem, no labirinto grafico das palavras.

Logo, a Academia Sergipana, tomando o rumo limpo e certo da simplificação, quiz, apenas, senso onde ha disparate, disciplina onde ha desordem, uniformidade onde só ha balburdia e confusão.

Mostrálo-emos, em continuando.

IV

Ao asserto de que entre classicos não se estima a ortografia, tamanha a balburdia reinante nos seus escritos, muitos testemunhos ainda se podem dar, alem dos que já depuzeram com insigne autoridade.

RUY BARBOSA, HERCULANO, CASTILHO, FREI LUIZ DE SOUZA, MARIO BARRETO, entre antigos, modernos e contemporaneos, que todos foram chamados á autoria na questão, constituem, apenas, uma vanguarda na legião dos que consonam nas mesmas idéas, que vimos de expender.

CANDIDO DE FIGUEIREDO, que andou a lavrar preciosos volumes de pura linguagem, não se cansava de fazer referencia á «anarquia que nos deve envergonhar, para dificultar o aprendizado da lingua, e para fingirem de eruditos umas ingênuas criaturas, que julgam conhecer a Grécia e Roma e nunca passaram de Sacavém».

E CANDIDO DE FIGUEIREDO era um mineador profundo do idioma, ia-lhe ás origens, para o expungir das baldas e vicios sem conto na escrita dos mais autorizados classicos.

Quando, com a senhora MICHAELIS, com ADOLPHO COELHO, GONÇALVES VIANA, LEITE DE VASCONCELOS, JULIO MOREIRA, JOSE JOAQUIM NUNES, Portugal entendeu de organizar uma reforma ortografica simplificada, é

que a cacografia encontrada nos classicos não podia ser erigida em modelo.

Recentissimamente discursava MALHEIROS DIAS : « Reconheço que a *desordem* orthographica era tal que a orthographia quasi se equiparou á calligraphia como elemento desprezível na avaliação dos meritos e da cultura literaria. Por falta de regra medrara o arbitrio. *Mesmo entre os escriptores maiores, tidos como mestres indiscutidos da profissão das lettras, a incerta orthographia variava como os ventos e as donas*».

Quem, pois, de animo sereno e bôa fé, podia tomar a peitos a defesa dessa volubilidade como padrão orthografico ?

Pelo evitar foi que LATINO COELHO mui advertidamente anotou : « Escrevemos a citação (dos classicos), com moderna orthographia, porque não participamos do respeito supersticioso *pela escripta barbara (a dos classicos), nem professamos a religião da cacographia*».

Religião da cacografia, eis bem o que era a escrita barbara, sem metodo, ordem, lisura, em que vestiam os classicos as joias do seu dizer.

Razão sobeja assistia, pois, a RUY, quando lhes recusava autoridade no assunto, recusando-lhes o conselho nestes termos :

« De mim direi, pois, ao meu velho mestre que recuso, no assumpto, esses padrinhos (*os classicos*), quando incursos em peccado manifesto contra as leis da harmonia na lingoagem».

E se os recusava quem tão douto fôra no dizer

e no escrever, senhor de todos os segredos do idioma, como os perfilhar os que de classicos nem, ao menos, aferem da verdadeira significação do vocabulo que os define ?

Verifica-se, destarte, unanimidade entre os mestres da lingua no considerarem a grafia dos antigos.

Um só que se tome á lista dos quinhentistas, ou sciscentistas, ou setecentistas, arcades tambem, e logo se deparará com a multifaria composição da escrita, em que vasavam as suas nobres idéas, os seus altos pensamentos.

De confusão tamanha se arreceiara tanto ANTONIO VIEIRA, que ao seu editor epistolára :

—«Não augmentes com os descuidos de vossos imprimidores os *meus descuidõs que não serão poucos*. Se os *classicos tamanhos erros teem apresentado aos seus discipulos crentes, nas obras que compuzeram*, eu que nem clasico me considero, certo terei erros meos, e grandes, que não precisam ser augmentados com os de vossos componedores».

Ora, se confessadamente o padre Vieira *tamanhos erros* apontava nos classicos e deles porfiava em expungir os proprios livros — *mina idiomática da da melhor tempera* —, não será dos nossos tempos refluir áquelas formas arcaicas e sem lustre.

Um estudioso desses assuntos, ASSIS CINTRA, que entre classicos tem vivido a colher pepitas e cascalhos desprezar, resume em tres linhas o juizo da questão :

«Demais, a linguagem, como tudo que ha, tende a se aperfeiçoar, melhorar, progredir. Não pode ficar abstracta, *presa, abafada, nos moldes de ha 400 annos*».

Para se ver que moldes eram esses, alem do

que já foi dito, daremos amanhã poucos exemplos, pois para abundantes é só pedir de mão, e mingua o tempo em tão longa e monotoná tarefa, mais á feição de um entomologista, alfinetando falenas resequidas, do que de um simples leitor de velhos livros, onde leva em mira catar, apenas, as belezas vivas do idioma de CAMÕES, VIEIRA, de RUY.

V

Discorre CARNEIRO RIBEIRO com segura mestria a respeito de sistemas ortograficos. E repassando conceitos sobre o que ele chama — *systema etymologico ou de derivação; systema phonetico, racional ou philosophico; e systema usual, mixto ou eccletico*—, diz, quanto ao primeiro, o seguinte :

«Tal systema empregado exclusivamente não póde admittir-se : seguido á risca é difficillimo, senão de todo o ponto inexequivel.

Com effeito, tendo nossa lingua, afóra o fundo latino, um numero consideravel de vocabulos de varias procedencias seria necessario conhecer todas essas linguas donde taes vocabulos provieram.

Aos sabios, portanto, pertenceria dar a lei neste ponto ; mas o uso aqui não é por elles fixado, senão pelo povo na acepção geral desta palavra.

Demais disso, havendo uma tendencia natural a figurar os sons conforme os pronunciamos, na transformação de um idioma em outro ou outros, variando sempre esses sons, adulterando-se e corrompendo-se no tempo e no espaço, *chegam por fim a obscurecer todo o resquicio etymologico, perdendo-se o fio que os liga e conduz á sua fonte; de modo que em nossa lin-*